SEMANA DE LETRAS X

SEMANA NACIONAL DE LETRAS

CONFERÊNCIA DE ABERTURA

06/06 - auditório 3Q
9h às 10h

SOBRE AS DIVERSAS FACETAS DO ENSINO DE GRAMÁTICA

Prof. Sírio Possenti (Unicamp/CNPq – FesTA)

A palestra versará sobre seis questões que fazem parte, umas mais e outras menos, do imaginário sobre gramática: a) a imagem popular da gramática; b) as gramáticas e os manuais; c) a heterogeneidade do "discurso da gramática"; d) as duas faces da questão ortográfica (sua supervalorização); e) uma possível "gramática no texto"; f) a gramática e o "espírito científico". O objetivo é mostrar que é necessário, especialmente se consideradas as questões escolares típicas, que alguns conceitos fossem mais bem esclarecidos para que consensos mínimos possam ser construídos pelas diversas teorias. Assim, elas poderiam, talvez, afetar mais consistentemente as políticas educacionais/curriculares e seus instrumentos, em especial os livros didáticos. Os diversos tópicos serão ilustrados.

MESAS REDONDAS

PESQUISAS EM LITERATURA – UM DIÁLOGO NECESSÁRIO COM O ENSINO BÁSICO
06/06 - 10h20min às 12h (auditório 3Q)

A LITERATURA EM DEVIR

Coord/mediadora: Profa. Marisa Gama-Khalil (UFU)

A proposta desta palestra, em uma Semana Nacional de Letras, é trazer como foco a abordagem sobre o lugar da Literatura por meio de dois mirantes: o espaço que essa arte ocupa na sociedade e o próprio espaço de linguagem que ela desvela, espaços esses que podem ser caracterizados pelas noções de devir e de margem. Para tanto, será indispensável focalizar a situação da disciplina Literatura ao longo da história, seu lugar nos documentos oficiais, nas escolas e universidades e, ainda, formulo, com base em Antonio Candido e outros teóricos, a defesa pela pesquisa e especialmente pelo ensino da literatura. Essa defesa é necessária, ainda hoje, porque nas universidades ainda impera um estudo da literatura calcado na ideia de "torre de marfim", ou seja,

distanciado de um olhar investigativo sobre sua relação com o ensino; prova disso são as poucas pós-graduações em estudos literários que privilegiam tal enfoque e também de um olhar preconceituoso que ainda se tem pelos mestrados profissionais em Letras. Quanto ao espaço de linguagem que a literatura desvela, pode ser caracterizado como um espaço de devir, um espaço que ficcionalmente pode ser equiparado ao insólito e belo espaço desenhado por Guimarães Rosa: a terceira margem. O espaço da terceira margem, nesse sentido, projeta-se como metáfora da literatura, uma vez que o oscilar entre o falar e o emudecer, entre o repetir e o inventar, é o responsável pela construção de lugares de transgressão e de deslocamentos. Numa terceira margem não se está aqui nem lá, não se tem o direito nem o esquerdo, tem-se o terceiro como um espaço de devir, pura atopia e pleno espaço onde o sujeito pode alojar-se, ausentar-se, mover-se e encantar-se ainda, e sempre, com o canto das Sereias.

PENSANDO A LITERATURA: DA BARBÁRIE À CIDADANIA

Profa. Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha (UFU)

Ao abrir espaço para instigantes interrogações a respeito do texto, da palavra e do poder das linguagens artísticas - desenhando novos e inesperados caminhos que organizam projetos particulares da sensibilidade contemporânea, dinâmicos, ao mesmo tempo – a literatura instiga inúmeras reflexões e questionamentos, carregados de leituras possíveis a interpretar o estar no mundo e suas representações. Tais afirmações vão confirmar um aspecto e uma necessidade efetiva para a concretização desse objetivo maior e da função plural que se reconhece no prazer, na construção e no exercício de uma convivência e valor literário. Nesse sentido, a literatura é, por um lado, um direito do cidadão e um dever de Estado, merecendo uma reflexão que legitime ou interrogue as práticas e políticas públicas empreendidas em favor de uma autonomia cidadã e da consolidação um espírito crítico que favoreça ao cidadão a lucidez crítica que lhe justifica o pensar e, reafirmando Antônio Cândido, "... a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudicais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente". Portanto, partindo dessas observações tão responsáveis para com o destinos de uma humanização do conhecimento criativo e da sensibilidade, considerando o espírito dessa reflexão conjunta sobre literatura aqui desenhada, propõe-se, nessa interlocução, pensar a relação e o papel das políticas públicas para o ensino da literatura e, ainda, ou em conseqüência, das linguagens artísticas para a construção e valorização de um espírito criativo, reflexivo e crítico que forma e habilita o homem ao exercício pleno de sua humanização e cidadania.

LITERATURA E ENSINO: SABERES NECESSÁRIOS, SABERES CIRCULANTES

Prof. Sílvio Renato Jorge (UFF)

O aproveitamento da contribuição da literatura para uma visão diferenciada do homem e do mundo, assim como a possibilidade de que ela participe mais ativamente da vida

dos leitores, demanda a sua inserção no universo de discursos presentes no nosso dia a dia. Não se trata, como equivocadamente se possa pensar, de reduzir a literatura à comunicação de massa, mas fazê-la circular em tensão. É preciso lançar mão das nuanças e complexidades envolvidas no debate sobre a escola e o ensino de literatura, não para fazer a defesa inconteste de processos massivos de produção e recepção, mas para que se possa compreender melhor que lugar, nos dias de hoje, a literatura ocupa (ou pode ocupar), não só na escola, mas na sociedade em geral. O enfrentamento dessa questão pode permitir-nos estabelecer com maior clareza o porquê de se ensinar literatura e, portanto, desenvolver propostas efetivas para que a "experiência literária", normalmente reiterada nas considerações sobre o currículo do Ensino Médio, possa ser, de fato, promovida no ambiente escolar e que possa alcançar o além-muro.

PESQUISAS EM LINGUÍSTICA – UM DIÁLOGO NECESSÁRIO COM O ENSINO BÁSICO

06/06 - 19h às 20h20min (auditório 5O-B)

Coord/mediador: Prof. José Magalhães (UFU)

DESAFIOS AO ENSINO DA ORTOGRAFIA

Profa. Thaïs Cristófaro Silva (UFMG)

Este trabalho examina textos produzidos por crianças de 6 a 12 anos visando a identificar quais são os desvios de ortografia mais frequentes. A partir de análise quantitativa busca-se propor ações prioritárias que possam ter impacto positivo no ensino de língua materna. Argumenta-se que as relações entre sistemas específicos - fonético, fonológico e de escrita - oferecem elementos teóricos e metodológicos para uma melhor compreensão dos desvios de ortografia.

CONSCIÊNCIA MORFOLÓGICA E SEUS REFLEXOS NA PRODUÇÃO E ESCRITA DE FORMAS SUPOSTAMENTE INEXISTENTES NOS PARADIGMAS DOS VERBOS DEFECTIVOS DO PORTUGUÊS

Profa. Ana Paula Scher (USP)

Nesta apresentação, discuto o papel do conhecimento morfológico na produção e na escrita de formas flexionadas de paradigmas verbais considerados defectivos pela tradição gramatical. O objetivo é estabelecer o debate entre os estudos em teoria morfológica e os estudos sobre aprendizagem de escrita, considerando as descobertas dos primeiros e a maneira como elas interferem nas observações realizadas pelos últimos. Chama atenção o fato de que as formas supostamente inexistentes nos paradigmas defectivos correspondem às formas em que ocorrem mudanças fonológicas ou gráficas nos paradigmas de verbos irregulares do português: pessoas do presente do indicativo e do subjuntivo. A hipótese principal é que o falante de português só considera defectivos, de fato, os verbos cujo significado ele não conhece ou os que não ocorrem com frequência na língua falada. Para os verbos considerados familiares, os falantes não

apenas produzem, em língua falada, as formas flexionadas relevantes de 1s do presente do indicativo, derivando delas as formas de subjuntivo, como também ponderam e decidem sobre como escrevê-las, provavelmente, baseados no seu conhecimento do padrão morfológico dos verbos irregulares da língua.

LINGUAGENS E SUAS MÚLTIPLAS FACES

08/06 - 20h20min às 22h (auditório 3Q)

Coord/mediador: Profª. Talita Marine (UFU)

Profa. Márcia Marques Morais (PUC-Minas)

Farei uma exposição sobre questões relacionadas com a linguagem com que Guimarães Rosa cria sua literatura. Para isso me valerei de falas do autor sobre língua/linguagem, recortadas de entrevistas e declarações dele e apontarei como ele usa tais estratégias linguísticas em excertos de sua obra.

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS, EVOLUÇÃO E APRENDIZAGEM DE SEGUNDA LÍNGUA

Prof. José Carlos Oliveira (UFU)

A Língua Brasileira de Sinais – Libras, reconhecida pela Lei 10436/2002 como meio de comunicação e expressão legal da comunidade surda brasileira, é uma língua com estrutura linguística de modalidade espaço-visual e completa como qualquer outra língua natural. A Libras é expressa a partir de combinações de parâmetros (fonemas): configuração de mão, movimento, ponto de articulação, orientação da mão e expressões não manuais que se articulam simultaneamente no momento da comunicação, sendo possível expressar ideias e discutir assuntos diversos como nas demais línguas naturais. Assim como as línguas orais e as demais línguas de sinais, a Libras também se modifica, se evolui ampliando seu status no campo dos estudos linguísticos dando forma cada vez mais significativa a partir de seu uso nas mais diversas situações contextuais, culturais e sociais que resultam em novas e/ou mais sofisticadas formas de expressão e de representação do pensamento e do sentimento dos sujeitos surdos, que ultrapassam o individuo, e cujo domínio determina relações de poder. E quando nos referimos a ensinar essa língua para alunos surdos e também para ouvintes, notamos bem essas questões, ainda mais que esse processo não está simplesmente resumido ao ato de ensinar o uso do vocabulário. É necessário pensar também em estratégias que contribuam para o conhecimento de artefatos culturais e para as diferentes formas do uso adequado da língua nas mais diferentes práticas sociais de leitura e de escrita.

Considerando a evolução dos estudos sobre surdos no contexto da educação, se destaca a criação, desenvolvimento e análise dos gêneros discursivos em Libras para fins comunicativos e aplicados ao ensino dessa língua, tanto para alunos surdos como primeira língua (L1), quando incluso no currículo da disciplina de Libras das escolas, quanto para alunos ouvintes, como segunda língua (L2), quando incluso no conteúdo dessa mesma disciplina em cursos de extensão nas universidades. Para que possamos compreender os contornos de uma língua que é capaz de proporcionar o tecer das identidades surdas e, para discutir sobre os gêneros em Libras, ancoramos nos aportes teóricos de obras de Pimenta e Quadros (2011). Estudos mostram que os benefícios do trabalho e da a análise de textos em Libras em diferentes gêneros para o aprendizado e o desenvolvimento de habilidade comunicativas e da proficiência nessa língua. Os resultados mostram que a utilização de gêneros discursivos em Libras contribui para a resolução de "lutas travadas" em relação ao ensino de Libras na sala de aula, bem como para a afirmação do status da língua e da autoafirmação da cultura e identidade surda, destacado pelo gênero piada, pela literatura adaptada e literatura surda, narradas por surdos, dentre outros, possibilitando a apropriação do conhecimentos e habilidades dessa e nessa língua principalmente pelo fato de a maioria das pessoas que entram em contato com a Libras não possuírem contato direto com surdos nativos, viabilizaria um processo interativo fora de sala de aula, fator imprescindível para a aquisição/aprendizagem de uma segunda língua

LINGUAGENS, SISTEMAS E MULTILETRAMENTOS

Profa. Maximina M. Freire (PUC-SP/LAEL)

A vida contemporânea nos cerca de várias linguagens: a verbal, a sonora, a imagética, a gestual. Até mesmo a ausência de linguagem torna-se uma, na medida em que o silêncio, como signo, pode assumir significados diversos e transmitir mensagens específicas. Cria-se, então, não apenas a necessidade de prover o letramento – capacitação para o uso do código linguístico verbal em práticas sociais -, mas também se revela imprescindível o multiletramento - domínio de várias linguagens para participação em práticas cada vez mais comuns na atualidade, mediadas ou não por recursos tecnológicos . Constatamos que o sistema linguístico verbal, vivo, aberto, se articula com outros sistemas linguísticos (sonoro, imagético, gestual), também vivos e abertos, resultando uma rede aberta de sentidos/significados. Esse é o tema desta apresentação que objetiva focalizar o entendimento da linguagem como um sistema complexo aberto e do conceito de multiletramentos nessa perspectiva sistêmica.